

Ensino de história: a Subjetividade do professor em questão

Maria Antônia Marçalⁱ

Luis Fernando Cerri (orientador)

O presente texto visa apresentar algumas reflexões referentes à formação do professor e à sua subjetividade, pertinentes à pesquisa homônima em desenvolvimento no Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Num primeiro momento será contextualizado o momento em que estudos focalizando o professor passam a constituir o cerne das pesquisas em educação. Em seguida serão abordados estudos voltados para a formação do professor e sua subjetividade. Para finalizar pretende-se estabelecer uma relação entre os estudos mencionados e a subjetividade do professor de história a partir da pesquisa em desenvolvimento, que procura estudar as potencialidades dos grupos autônomos de professores como saída para os impasses na formação profissional / construção da subjetividade (incluindo aí o protagonismo educativo e a criatividade em relação aos saberes escolares e científicos).

O professor como sujeito

Segundo Maria Conceição Passeggi, a partir dos anos 70 têm-se a consolidação de um novo paradigma nas ciências sociais e humanas com a "reintrodução" do sujeito como ator social, autônomo nas investigações científicas. O sujeito, afirma-se, não é integralmente submetido ao inconsciente psicológico, nem prisioneiro das estruturas sociais, ele é possuidor de reflexividade e margens de ação. Este novo paradigma se consolidou nos anos 80 preocupando-se com as representações do sujeito e a maneira como esse constrói sua realidade ⁱⁱ. Neste período, iniciam-se estudos na área de educação focalizando o professor enquanto sujeito. Belmira Oliveira Bueno, enfatiza a mudança epistemológica nos estudos sobre o professor, a autora assinala que a obra de Ada Abraham, "O professor é uma pessoa", publicada em 1984, representa um marco na literatura pedagógica, que neste

momento foi invadida com obras e estudos sobre a história de vida de professores, seus anseios, os percursos profissionais, biografias e autobiografias ⁱⁱⁱ.

Processos de formação docente

No texto “Processos de Formação de um Professor” Guacira de Azambuja e Valeska Fortes de Oliveira se propõem a conhecer o imaginário social de um professor, tendo em vista possibilitar o conhecimento e a compreensão de constituição dos saberes docentes do processo formativo, assim como conhecer e possibilitar a organização dos processos de formação da subjetividade do professor através da história de vida. Neste trabalho a opção pela história de vida revela uma opção teórica metodológica, que tem por finalidade propiciar a fala do professor pesquisado, em relação às imagens que marcaram os processos de escolha e formação profissional, possibilitando ao pesquisador relacioná-los com a atuação do pesquisado como professor. Além disso, essa escolha pleiteia validade para um tipo de estudo completamente avesso aos padrões quantitativos de produção de enunciados válidos em Educação.

As categorias de investigação utilizadas pelas autoras configuravam-se no âmbito do imaginário social e nos processos de formação e como categorias específicas, os saberes docentes, a subjetividade e o gênero. Desta forma, possibilitou-se o estudo dos processos de subjetivação do pesquisado, o professor. Neste sentido, a subjetividade se expressa através de saberes específicos e próprios que são transmitidos diariamente por meio de expressões corporais, afetivas, discursivas ou mesmo através de formas ocultas “forças vivas do mundo, novas ou acumuladas que perpassam a formação do sujeito”. Estas possuem a capacidade de inferir na constituição do ser professor e na sua prática pedagógica. ^{iv}

Azambuja e Oliveira parecem entender a subjetividade dos processos relatados neste projeto de pesquisa nesta perspectiva. Ou seja, um sujeito concreto, que pensa, sonha e come, cujas representações sociais e sua subjetividade, que constituem a produção de sua vida e os processos de formação do professor.

Os processos formativos de um indivíduo abrangem duas instâncias: o formal e o não-formal, entende-se por formal a veiculação de saberes via organismos institucionalizados como escolas e universidades. Os espaços não-formais de aprendizagem acontecem em diferentes espaços e momentos, na relação entre sujeitos, através dos diversos meios de comunicação, nos espaços de *reza* e *de festa*. Sua legitimação se encontra além das fronteiras institucionais, trata-se de um saber em movimento, dinâmico e subjetivo.

Apontar estes elementos é necessário para compreender o processo de autoformação de um grupo de professores do estado de São Paulo, suas atividades de reflexões e práticas no ensino de história foram reunidas num artigo intitulado Reflexões sobre a Prática Diária no Ensino de História. Este foi produzido por um grupo de sete professoras da rede pública de ensino, que possuía características *sui generis*, que de certa forma assegurava sua coesão tratava-se professores que lecionavam há mais de 15 anos e com um histórico de militância política em sindicatos.

Este grupo de professores de História, de Ensino Fundamental e Médio sentiu a necessidade de discutir a prática diária e as questões teóricas do ensino de história. O delineamento do caminho se deu a partir do esclarecimento de três pontos que seriam as âncoras do trabalho a ser realizado na sala de aula: a questão do processo ensino-aprendizagem; a experiência do aluno e sua expressão; e a concepção de história.

Tendo em vista a forma como é estruturada a escola e concebido o conhecimento, nosso alunado, em geral, apresenta dificuldade em expressar suas percepções, exteriorizar as articulações entre o que lê e o mundo em que vive. Num ensino massificante, as práticas pedagógicas não só discriminam, mas também emudecem os alunos. Privados de uma relação significativa com a linguagem, acabam não conseguindo expressar sua realidade.^v

Este artigo foi publicado em fins de 1989, um momento marcante de nossa história, que assinalou os anos iniciais da restauração da democracia no Brasil, após 21 anos de ditadura militar. De certa forma, ele traduz os anseios de um grupo politicamente engajado, que vivenciaram os momentos de arrefecimento do regime militar.

Destarte, a sala de aula, foi entendida pelas autoras como um espaço onde os princípios elencados acima seriam trabalhados, os quais se realizaram concomitante às reflexões realizadas no interior dos grupos através de socialização de experiências e uma reflexão sistemática sobre a prática de ensino de história. O texto é finalizado com relatos de experiências dos professores e a avaliação deste processo de *formação*.

A pesquisa de Cleide de Figueiredo Leitão discute os processos de auto formação de educadores desenvolvidos a partir de sua experiência com os Coletivos de Auto formação de educadores dinamizados pelo SAPE^{vi}, entre os anos de 1991 a 1998 com dois grupos de educadores: um no Estado de Pernambuco outro no Estado do Rio de Janeiro.

A autora parte da análise da palavra *formação* que significa, dar forma, moldar, como se os professores fossem uma massa amorfa que somente saíssem deste estado a partir da informação de conteúdos e teorias que orientem suas práticas cotidianas. Os professores e seus saberes são colocados em segundo plano a destituição do saber docente produzido no cotidiano escolar é, neste sentido, descaracterizado. Conforme é ressaltado por Nóvoa, os saberes dos docentes estão em contínua tensão com os saberes científicos em educação, diante da problemática dos sujeitos com quem se relacionam no processo de produção desses saberes.^{vii} Tanto Cleide Leitão como Antonio Nóvoa estabelecem uma reflexão sobre o sentido implícito da palavra *formação* e mesmo como a instituição de um grupo especializado descaracteriza o sujeito e seu fazer pedagógico. A percepção do professor como sujeito implica em reconhecê-lo como produtor de conhecimento em vez de sobrepor saberes, propor uma relação dialógica, permitindo o alargamento das possibilidades de conhecimento a partir de outros entendimentos e apropriações.

A metodologia utilizada por Cleide Leitão foi a realização de seminários definidos pela autora como espaços coletivos de saberes, de trocas de experiências e reflexões sobre a prática educativa. O grupo do Rio de Janeiro possuía uma peculiaridade, reunindo e educadores leigos ligados a alfabetização de jovens e adultos de diferentes instituições ligados à Igreja Católica e Protestante, escolas particulares, associações de moradores,

entre outros. O elemento que caracterizava todas estas pessoas era o intuito de participar. No interior deste grupo mesmo entre professores com o curso normal ou superior estava presente a sensação de despreparo para a prática de alfabetização de jovens e adultos. Tanto no grupo do Rio de Janeiro quanto em Pernambuco formação destes educadores era concomitante à sua prática educativa.

Cleide Leitão entende os espaços de formação em sua multiplicidade como o são as redes de saberes; estes compõem uma tessitura indissociável que se expressa no que somos e no que fazemos perpassando tanto nossas identidades como as práticas com as quais estamos envolvidos. Neste momento a autora toca no elemento articulador deste artigo, nas reflexões e/ou produções acadêmicas acerca desta temática: a subjetividade do professor.

As pesquisas de Júlio Groppa Aquino e Mônica Cristina Mussi no artigo "As vicissitudes da formação docente em serviço: a proposta reflexiva em debate", propõem apresentar algumas conclusões de investigação sobre as representações que os professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo (SMESP) produziam ao se inserirem em práticas de formação em serviço, a fim de conferir visibilidade aos efeitos que a prática formativa reflexiva vem produzindo na profissionalidade docente. Este estudo se realizou junto a oito professores integrantes de "grupos de formação" na gestão de Luiza Erundina (1988-1992), que foram entrevistados, com questões direcionadas a este grupo foram: formação inicial, opção pelo grupo de formação, implicações dos grupos de estudos em sala de aula e relação entre seus protagonistas.

Os apontamentos realizados acima nos permitem visualizar algumas abordagens sobre a formação e autoformação do professor. Estes, se realizam de formas distintas mediatizadas por um uma Secretaria de Educação ou a partir da realização de projetos de pesquisa no âmbito das instituições de ensino superior que veicularam políticas de formação de docentes. Ou mesmo a partir de organismos autônomos como o SAPE ou a partir da mobilização de professores que se organizaram de forma independente para uma reflexão sobre a prática cotidiana do ensino.

Este trabalhos, assinalam para uma possibilidade de compreensão destes processos de formação do professor e sua subjetividade.

O ensino de história: a subjetividade do professor de história em questão

A subjetividade é uma temática pouco estudada no campo da psicologia social, outros campos como a Antropologia e a Sociologia se debruçaram ao estudo do sujeito. A subjetividade no campo da Psicologia, segundo Gonzalez Rey está em processo de delimitação epistemológica do conhecimento. Para este autor a subjetividade não são unidades fixas ou estáticas e sim processos complexos, em que suas formas atuais de organização, caracterizam a expressão do homem como sujeito concreto.^{viii}

Nesta perspectiva teórica é compreendida os processos de subjetivação na formação docente. As reflexões sobre o ensino de história e a subjetividade do professor se desenvolveu a partir de uma proposta inter-institucional do Núcleo Regional de Educação e a Universidade Estadual de Ponta Grossa. O projeto de formação continuada foi estendida a todos os professores de história da rede estadual de educação pertencente a região de Ponta Grossa. Este caracterizava-se pôr uma carga horária total de quarenta horas com vinte horas presenciais e vinte horas destinada às leituras propostas para realização dos encontros.

As reuniões dos grupos de estudos realizadas em julho de 2004, em dois pólos regionais de atuação : um em Ponta Grossa, reunindo professores de Porto Amazonas, Piraí do Sul. Carambeí e Ponta Grossa e outro na cidade de Imbituva, atendendo os professores locais e da cidade de Ivaí Estas caracterizavam pôr encontros mensais contando com a participação de acadêmicos do curso de Licenciatura em História.

Nestes encontros, realizava-se uma discussão coletiva, a partir da leitura de textos focalizando o ensino de história, bem como, temáticas sobre gênero, raça e etnia, um dos elementos discutidos nos encontros era a dicotomia entre a teoria e a prática. Nestes espaços de construção de conhecimento foram elaborados projetos, artigos, textos pelos professores, enquanto que os acadêmicos faziam o registro dos encontros. Nos memoriais produzidos a cada encontro, revelava-se o universo escolar, com todas as suas

contradições, a concepção de história do professor, sua prática pedagógica e sua subjetividade.

Tendo estas experiências por estímulo e fonte de novas indagações, o objetivo da presente pesquisa é analisar a subjetividade do professor e o ensino de história, uma vez que, não são compreendidas de forma isolada, mas como elementos constituintes do ser professor.

No final do ano letivo de 2004, foi realizada uma avaliação dos momentos de estudo e reflexão sobre a prática do ensino de história, e encontra-se registrado nas impressões de uma das integrantes do grupo: "A realização dos grupos de estudos me foi de grande valia, visto que desde que saí da faculdade apenas vinha assistindo filmes e pequenas palestras de assuntos referentes à minha disciplina, uma vez que não disponho de tempo nem de oportunidades para estudos" ^{ix}. No relato de avaliação da professora integrante do grupo de estudos de história ficam evidentes que as novas possibilidades de análise e reflexão construídas no coletivo significaram para o seu fazer pedagógico.

O aproveitamento do espaço escolar, hora-atividade para a realização dos encontros integram a dinâmica de realização destes grupos de estudos e do grupo de professores estudados pelos pesquisadores Julio Groppa Aquino e Mônica C. Mussi. Esta modalidade de formação inaugura, do ponto de vista teórico, uma nova racionalidade da profissionalidade, trata-se de um dispositivo tático, "regulador", que fez circular de forma precisa e localizada modos de pensar o professor. Entretanto, os autores fazem a opção por analisar a formação do professor em serviço do ponto de vista do sujeito: o professor.

Julio G. Aquino e Mônica C. Mussi elencaram elementos significativos em sua pesquisa. Primeiro o modelo teórico do professor reflexivo de certa forma permitiu uma dimensão relacional no seu fazer pedagógico, promovendo uma discussão entre pares. O segundo elemento diz respeito à constante revisitação de seu cotidiano, do caráter mutável de sua ação docente. Esta condição de aprendiz permanente de seu ofício, convoca o professor a criar um novo tipo de relação consigo mesmo e nova regulação ética de sua atividade profissional.

As abordagens acerca da formação do professor e sua subjetividade se integram num campo de pesquisa que focalizam sua subjetividade, suas histórias individuais, na constituição de sua identidade. O professor é compreendido na sua totalidade e a sala de aula e porque não dizer o ensino de história é o espaço de circulação destes saberes, assim, lançar um olhar para o professor imerso nessa teia de significados e representações possibilita compreender sua relação com o conhecimento e o ensino de história.

ⁱ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Coordenadora de História do Núcleo Regional de Educação de Ponta Grossa.

ⁱⁱ PASSEGGI, Maria da Conceição. **A dimensão histórica do sujeito na formação docente.** Disponível em <http://www.ccsa.ufrn.br/docente/conceicao/artpub3.pdf>. Acessado em 30/03/05.

ⁱⁱⁱ BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade.** Revista de Educação e Pesquisa. São Paulo. V. 28, n.1, jan/jun 2002 p. 13.

^{iv} AZAMBUJA, Guacira & OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Processos de formação de um professor.** Disponível em: <http://www.anped.org.br/23/textos/0811t.pdf>. Acessado em 30/03/05.

^v GLADIARDI, Célia Morato & et all. **Reflexões Sobre a Prática Diária do Professor.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 9, n.16, set.89/fev.90, p. 146.

^{vi} ^{vi} A sigla **SAPE** significa Serviço de Apoio à Pesquisa em Educação). Uma organização não governamental sediada no Rio de Janeiro, atua há 15 anos no campo da educação de jovens e adultos com ações voltadas para a formação de educadores e a produção de materiais didáticos.

^{vii} NOVOA, Antonio. **Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas.** Revista de Educação e Pesquisa. Jan./Jun. 1999, n.1. p. 13.

^{viii} FURTADO, Odair & REY, Gonzalez Fernando L. **Pôr uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

^{ix} Relatório do grupo de estudos "Alternativas metodológicas para o ensino de história" realizado no município de Imbituva (pertencente à região do Núcleo Regional de Educação de Ponta Grossa) no período de julho a dezembro de 2004.